Leia Meu Livro: Desventuras de um Gringo Namorando no Exterior

Primeiro rascunho: introdução e capítulos 1 a 17
Versão em português, traduzida do original em inglês
novembro de 2026

Título provisório. Por favor, não compartilhe este rascunho.

Antes de ler

Obrigado por ler. Este é um rascunho de um livro de memórias curto e engraçado sobre namorar no exterior. Cobre a introdução e dezessete capítulos, e o capítulo final ainda está por vir. Os capítulos 5, 6, 9, 11 e 16 são os mais pessoais. Os nomes foram trocados e alguns detalhes foram propositalmente disfarçados. Meu próprio nome aparece uma vez.

As histórias são minhas. Eu as escrevi a partir de anotações digitadas e gravadas, e usei ajuda de IA para limpar transcrições e revisar a gramática. Esta versão em português é uma tradução do original em inglês, também feita com ajuda de IA, então algumas frases podem soar estranhas. Se alguma soar, me avise. Por favor, não compartilhe o rascunho.

O que eu adoraria saber:

1. Onde você riu?
2. Onde você ficou entediado ou começou a pular trechos?
3. O narrador parece simpático ou convencido?
4. Alguma coisa ficou confusa ou desconfortável?
5. Se pudesse cortar um capítulo, qual seria?

Responda direto para mim com a sua opinião. Pode ser sincero.

Introdução: Praticamente Inofensivo

Ninguém disse que namorar seria fácil. Isso é ainda mais verdade quando você está namorando no exterior e não fala o idioma.

Este livro é, antes de tudo, um relato das minhas experiências pessoais de namoro e de viagem como um homem que hoje tem 38 anos, dos Estados Unidos (se você disser “US”, pode acabar numa discussão que não queria ter). Moro no Rio há quase três anos e não falo português, e antes disso passei vários anos como nômade digital. Meu vocabulário continua sendo “obrigado”, “cerveja” e um sorriso que diz: “Olá, sou praticamente inofensivo.”

A primeira história que me vem à cabeça é o meu primeiro “encontro” com uma PROFISSIONAL em Medellín. Terminou com ela me esculachando em inglês, em público, por uma hora, como se fôssemos casados e ela tivesse acabado de descobrir que eu estava dormindo com a mãe dela. Passei o ataque verbal inteiro tentando arrumar um Uber para ela voltar para casa. Olhando para trás, eu deveria ter fugido pela janela do banheiro.

Havia, com certeza, sinais de alerta logo no começo de que aquele não seria um encontro agradável. Quinze minutos depois de nos conhecermos, ela me acusou de estar secando uma mulher que estava claramente num encontro com outra pessoa. Expliquei que o casal estava bem na nossa linha de visão, já que estávamos sentados lado a lado, de frente para a entrada do restaurante. Acabei acalmando a situação, mas só depois de trocarmos de restaurante.

No jantar, ela explicou que era garota de programa, algo que eu gostaria de ter sabido antes de chamá-la para sair. Tentei manter o jantar agradável e disse que não tinha interesse em pagar por sexo. Foi aí que tudo foi para o inferno. Ela se ofendeu profundamente ao ouvir um não, como se eu tivesse decidido que ela não valia o dinheiro, e o encontro virou um ataque verbal.

Eu só queria terminar o jantar e cada um seguir seu caminho. A parte de cada um seguir seu caminho foi a mais difícil. Ela morava longe e não tinha como pagar a própria corrida, e o bairro dela era tão perigoso que todo motorista aceitava a corrida e depois cancelava quando percebia o destino. Minha solução: me deixar em casa primeiro e depois levá-la. Isso com certeza prolongou a situação constrangedora, mas eu achei que estava sendo esperto. O que fez a enxurrada de insultos aumentar foi eu achar a situação inteira cômica. Eu ficava pensando em como contaria essa história para os meus amigos depois.

Ela ficou em silêncio a viagem inteira, o que foi um alívio enorme. Quando o carro se afastava do meu prédio, ela gritou pela janela:

“Você precisa consertar esses seus dentes horríveis.”

Mal sabia ela: eu já tinha marcado a consulta do Invisalign para a manhã seguinte.

Eu gostaria de dizer que isso foi um caso isolado, mas é só um entre muitos desastres amorosos. Já refleti sobre o que me deixa tão propenso a esses encontros, e gostaria de culpar o fato de ser um engenheiro de software socialmente desajeitado. Na aula de artes da faculdade, todo mundo descobriu que eu cortava as unhas até um nível perigoso. Minha lógica era à prova de falhas: cortar o máximo possível para ter que fazer isso com menos frequência. A turma ficou horrorizada quando viu minhas mãos, e eu fiquei mortificado.

Também sou um romântico incurável, e sou desde antes de saber o que era namorar. Quando criança, eu me perguntava como faria aquele gesto clássico do casaco sobre a poça, em que você estende o casaco sobre uma poça d'água para a moça atravessar sem molhar os sapatos. Parecia a coisa mais cavalheiresca do mundo. Aí eu pensava: *O que você vai fazer com um casaco molhado? Provavelmente deixar lá, né? Ou ter uma sacola plástica de prontidão para recolhê-lo rápido depois que a mulher com quem você está te cobrir de carinho.*

Essa tem sido a minha vida amorosa em uma pergunta. Grandes gestos, nenhum plano para o que vem depois.

Este não é um manual, e não estou dizendo para você fazer o que eu fiz. É uma pilha de desastres amorosos e de viagem com algumas lições práticas misturadas. Se um cara sem nenhuma lábia, sem português e com uma aba do Google Tradutor aberta sobreviveu a todos eles, você vai sobreviver ao seu próximo primeiro encontro.

Sei como esse tipo de livro pode soar. A imagem do tal do "passport bro" vem à mente. Sou um gringo num país onde isso ajuda/atrapalha, e estou dolorosamente ciente disso. Espero que as histórias mostrem que sou um homem bem-intencionado em busca de companhia numa terra estrangeira. Deixo você ser o juiz disso.

Costumo achar graça em tudo que não me mata, e isso inclui a vez em que fui drogado e roubado em Medellín. Essa vai ter um capítulo só dela.

Tudo aqui aconteceu comigo. Os nomes foram trocados e alguns detalhes foram propositalmente disfarçados. Quem aparece só com uma letra é um nome substituto.

Então aqui vai um vislumbre da minha vida amorosa que você não pediu.

Capítulo 1: Como Conheci Minha Esposa

Desde que me mudei para o exterior, namorei principalmente na Colômbia e no Rio, quase sempre sem um idioma em comum. As pessoas costumam perguntar por que prefiro namorar na América do Sul. Geralmente respondo que minha principal linguagem do amor é o toque físico e que, na minha experiência, as mulheres que conheci aqui são abertamente carinhosas desde o primeiro encontro. Os sinais de que ela está a fim de você são tão claros que até um nerd socialmente desajeitado consegue detectá-los. É um olhar demorado ou alguém segurando seu rosto e te beijando.

Nenhuma história ilustra isso melhor do que o meu relacionamento mais longo no exterior. Deixa eu montar o cenário. Um amigo me convidou para tomar uns drinques numa noite qualquer de semana. Não sou muito de vida noturna nem de beber, mas gostei de passar um tempo com ele, então topei. Fiquei com fome e entediado no lugar original, então atravessei a rua para jantar sozinho no balcão de outro bar. Enquanto comia, percebi um grupo se formando. Imaginei que fosse uma festa de aniversário. O grupo foi crescendo, então me recostei e curti um dos meus hobbies favoritos: observar gente.

Em algum momento, uma mulher estonteante se juntou ao grupo, e foi aí que realmente comecei a prestar atenção. Lembro até da roupa dela: uma blusa branca e uma calça muito azul. Eu não conseguia tirar os olhos dela. Fiquei observando a dinâmica do grupo e pensando em como eu poderia me aproximar.

Lembre-se: sou um cara socialmente desajeitado. Eu com certeza não ia entrar num grupo de trinta pessoas e dizer à mulher mais linda do lugar o que eu pensava dela. Fiquei sentado no balcão com uma bebida por um tempo, bolando um plano. Depois de um minuto, tive a ideia.

De tanto observar, notei que um homem do grupo era muito extrovertido e simpático. Estava sempre sorrindo, e todo mundo o cumprimentava com carinho. Vi inúmeras pessoas saírem das conversas com ele sorrindo e felizes. No começo senti um pouco de inveja. Quem dera eu ser esse tipo de pessoa. Presumi que fosse aniversário dele, mas aquela alegria parecia mais do que um aniversário poderia explicar.

Minha ideia era simples: pagar uma bebida para esse cara. Ele era claramente a alma da festa e tinha o dom de aproximar as pessoas. (Sempre que tento organizar um programa especial, acabamos sendo só eu e meu melhor amigo brincando sobre como o resto dos nossos amigos é chato e nunca aparece.) Pagar uma bebida para a moça poderia parecer direto demais, e eu não tinha como saber o estado civil dela nem se ela estava com alguém do grupo. Pagar uma bebida para um homem parecia muito mais seguro.

Executar o plano foi um pouco mais difícil. Não falo português, e eu queria que a bebida preferida do cara fosse enviada a ele, com o barman dizendo que era de mim. Acho que isso é bem comum nos Estados Unidos, mas nem tanto no Rio. Eu me esforcei para explicar ao barman o que estava fazendo, com a ajuda do Google Tradutor. Por fim, fiquei 80% confiante de que ele tinha entendido, e esperei pacientemente enquanto meu plano começava a se desenrolar.

Foi uma jogada ousada. Até hoje nunca paguei uma bebida do nada para um estranho do mesmo sexo. Vi o garçom entregar a bebida, tentando não ficar encarando. A entrega demorou visivelmente mais do que eu esperava, o que presumi que significava que era difícil de explicar. Por fim, vi um gesto na minha direção e senti alívio por a minha jogada de abertura ter funcionado. Agora era esperar para ver o que sairia disso.

[T], sendo o ser humano incrível que é, se separou do grupo na hora para vir me cumprimentar. Foi um alívio enorme ele falar inglês. Ele era extremamente charmoso, articulado e simpático. Foi então que percebi que eu tinha pago uma bebida para um homem gay. O plano estava funcionando, só que não no alvo pretendido.

T e eu conversamos um pouco, e ele me convidou para entrar no grupo deles, o que fiz. Eu estava um passo mais perto de conhecê-la. Agora só precisava me integrar ao grupo e dar o meu passo. Conversei com as pessoas que falavam inglês e observei de longe a dinâmica do grupo. Quando vi T conversando com ela e com outra mulher, fiz questão de ser apresentado. Foi meio sem graça. Ela me cumprimentou com simpatia, mas logo voltou à conversa com a amiga. Concluí que ela não estava interessada e mantive distância.

Depois de um tempo, percebi que ela foi ao banheiro. Nos cruzamos, sorrimos e trocamos olhares pelo espelho enquanto lavávamos as mãos. Interpretei isso como abertura para conversar, então simplesmente perguntei se ela falava inglês. Ela disse que não. Saquei o celular e começamos a trocar um papo leve passando o aparelho de um para o outro, tipo narrar um encontro ao vivo no Twitter. Isso me deixou mais à vontade, dados os meus anos de namoro online, mas era uma versão muito mais gostosa do mesmo.

Um contexto que só descobri depois: beijar em público é bem comum no Brasil. Se vocês têm uma boa conexão, demonstrações públicas de afeto são incentivadas. Brinco com turistas de primeira viagem que é o equivalente a um aperto de mão com mais fluidos corporais. Não são selinhos; são verdadeiras batalhas de língua. E se você não beija a mulher logo, as pessoas costumam achar que você é gay.

A conversa foi rolando por um tempo. Brincamos que todo mundo achava que eu era gay porque eu tinha pago uma bebida para o T, e eu confessei que era um plano para conseguir ser apresentado a ela. Depois de uns trinta minutos de flerte pelo Google Tradutor, ela perguntou,

aparentemente do nada, se eu queria beijá-la. Sorri, disse que sim, claro, e a gente se pegou. Eu queria desde o início. Só estava envolvido demais na conversa para pensar nisso.

E sim, caso você esteja se perguntando, ela acabou virando minha esposa.

Capítulo 2: Claro, Pode Levar Minhas Coisas, Menos a Câmera

Nem todas as histórias que conto serão tão cor-de-rosa quanto conhecer minha esposa. Esta é uma das minhas histórias de terror favoritas. O cenário é Medellín, na Colômbia, terra de Pablo Escobar. Com certeza não faltam histórias de terror amorosas por aqui. Já ouvi inúmeras e até tenho algumas minhas para contar. Essa história não me cobre de glória, mas mesmo assim acho engraçada.

Como na maioria dos encontros desse nível de terror, tudo começou com o namoro online. Eu estava conversando com essa garota havia algumas semanas. Nunca nos encontramos, e a conversa era bem casual. Até fiz uma viagem aos Estados Unidos para ver a família e comprar coisas antes de voltar para Medellín. Continuamos em contato enquanto eu estava fora. Provavelmente havia vários sinais de alerta, mas depois de semanas conversando eu não estava prestando atenção em nenhum deles. Eu tinha baixado a guarda, só para ser nocauteado no primeiro round, pra usar uma referência de boxe.

No dia em que voltei para Medellín, estávamos conversando. Dissemos que talvez devêssemos finalmente nos encontrar. Concordei, mas sem esperar nada. Tínhamos feito planos meio por alto algumas vezes que acabaram não acontecendo, então eu meio que esperava que acontecesse a mesma coisa dessa vez. Depois de chegar e me ajeitar um pouco, mandei mensagem para ela. Trocamos algumas mensagens. Ela disse que estava por perto e topou passar para tomar uma bebida. Foi aí que os alarmes deveriam ter tocado. Eu estava animado por estar de volta a Medellín e não pensei muito nisso. Não era a minha primeira vez na cidade. Eu já tinha passado alguns meses lá antes e conhecia os perigos por histórias e por experiência própria.

Naquela noite ela foi até o hotel onde eu estava hospedado. Nos cumprimentamos. Lembro de pensar que ela não tinha nada a ver com as fotos, mas, de novo, namoro online é uma loteria. O hotel exigia que os hóspedes mostrassem documento e se registrassem para entrar, uma medida de segurança bem padrão em Medellín. Eu continuei simpático. Conversamos um pouco e tomamos uma bebida.

Houve um momento em que senti que as coisas estavam um pouco estranhas. Eu ainda não tinha terminado minha bebida. Expliquei a ela que estava cansado e que provavelmente tomaria só uma antes de precisar ir dormir. Era uma indicação sutil de que eu queria encerrar logo e que a gente podia se ver outro dia. Ela insistiu em renovar minha bebida, que ela mesma preparou. Concordei, relutante. Depois de mais alguns minutos de conversa, ela pediu licença para ir ao banheiro. Fiquei tomando minha bebida e esperando ela voltar.

Nunca vi ela saindo do banheiro. O que lembro é de acordar. Percebi imediatamente que ela tinha sumido. Voltei a mim devagar e percebi que meu Apple Watch estava faltando. Tentei ver que horas eram, mas não achei meu celular. Aí caiu a ficha: ela tinha me roubado. Passei os minutos seguintes fazendo o inventário do que tinha sumido.

Ela decidiu que minha câmera DSLR caríssima não valia a pena levar. Mas meus relógios, meu MacBook Air recém-comprado e meus celulares (o principal e o reserva de emergência) não tiveram a mesma sorte. Fiquei bem perplexo por ela não ter levado a câmera. Depois brinquei que era um sinal de que eu deveria voltar a ter o hobby da fotografia.

Pensei que eu tinha sido descuidado e simplesmente caído no sono. Mas quando percebi que horas eram, entendi que eu tinha ficado nocauteado por quase 30 horas. Foi aí que percebi que ela devia ter colocado alguma coisa na bebida que ela mesma preparou. Felizmente, eu estava bem, tirando o ego machucado. Senti um pouco de alívio por não ter sido simplesmente descuidado. Depois lembrei que eu conhecia os perigos e deveria ter sido mais esperto. Ela era uma PROFISSIONAL, só que um pouco diferente da mencionada anteriormente.

O que tornou a situação ainda mais pesada foi que, depois de conseguir contatar a família e acessar minhas contas (muito mais difícil do que deveria ser na era digital, quando você não tem eletrônicos nem celular e tudo exige autenticação em vários fatores), descobri que ela também tinha saído numa farra de compras. Ela gastou vários milhares de dólares antes de a proteção contra fraude do cartão de crédito bloquear novas transações. Ela chegou a acessar o Remitly, um aplicativo de transferência de dinheiro, e tirar milhares da minha conta poupança.

Felizmente, consegui recuperar todo o dinheiro das minhas contas, mas meus pertences se foram. Registrei um boletim de ocorrência. Eles tinham o documento dela e a localização (Buscar iPhone), mas nunca mais tive notícia. Imagino que a polícia achou que aqueles itens eram bons demais e ficou com eles. Nada me surpreenderia.

Sempre tome cuidado com as suas bebidas, não importa o ambiente, principalmente se você estiver com alguém que acabou de conhecer. Já ouvi até histórias de gente que combina com barmen para colocar alguma coisa na bebida dos outros.

Embora tenha sido muito mais difícil achar humor nessa situação, achei engraçado que isso tenha acontecido praticamente no Dia de Ação de Graças. Agradeci por não ter sofrido nenhuma agressão física. Também achei irônico ter planejado essa viagem aos Estados Unidos para comprar uns gadgets legais e, no primeiro dia, eles terem sido roubados de mim. Agora tenho um ditado: sempre que sou roubado, digo que estou fazendo uma doação para a caridade e que o boletim de ocorrência é dedução de imposto.

Capítulo 3: Há Quanto Tempo Você Namora o Seu Namorado?

Então vamos fazer uma viagem pela memória, de volta a antes de esse negócio de namorar no exterior sequer existir. Só comecei a viajar para fora do país mais tarde na vida. Dito isso, a maior parte da minha experiência amorosa vem da época em que morei em Atlanta, na Geórgia. Romântico incurável, cavalheiro sulista, criado perto de mulheres. Dá para querer um homem mais feminino? Isso sem falar que sou duplo de Peixes. Não entendo de astrologia o bastante para saber por que isso importa, mas aparentemente importa. Pelo menos é o que me dizem.

Eu não namorava quando era mais novo. Eu era muito ligado em videogames e desenho, que consumiam boa parte do meu tempo junto com as atividades normais da escola. Não lembro com que idade tive minha primeira namorada de verdade, mas foi bem depois da faculdade. É meio doido pensar que o namoro online só virou coisa da minha geração quando eu já era adolescente.

Essa é uma história bem constrangedora, mas vou contar mesmo assim. Quando digo que nunca tive uma namorada “de verdade” até depois da faculdade, é literal. Meus “relacionamentos” antes disso eram virtuais e à distância. A primeira mulher por quem me considerei A-P-A-I-X-O-N-A-D-O é alguém que nunca conheci. Só vi fotos e conversei com ela por telefone. Tenho certeza de que foi uma situação de catfish antes de o programa sequer ter sido imaginado. Lembro de tentar fazer com que ela me encontrasse ou pelo menos fizesse videochamadas, sem sucesso.

A gente se conheceu no aplicativo Plenty of Fish. Acho que foi provavelmente o primeiro que usei. A gente passava horas e horas trocando mensagens. Naquela época, eu literalmente tinha que sentar diante de um computador de mesa e mandar mensagens enquanto navegava na internet. Acho que “namoramos” por um ano ou dois. Os detalhes estão extremamente nebulosos a essa altura, mas com certeza não foi uma situação típica de primeiro amor.

Por que o online funcionava para mim naquela época: eu era um garoto nerd, socialmente desajeitado e gordinho. Eu era bem querido, mas nunca tive nenhuma “lábia”, só uma personalidade simpática. Minha única exposição a mulheres em ambientes sociais era em festas da faculdade. Eu não era nenhum mestre da conquista em bares ou baladas. Isso me lembra de uma história daquela época.

Eu tinha estudado no ensino médio com uma garota lindíssima, muito fora da minha liga naquela época. Basicamente, eu achava todo mundo fora da minha liga. Acabamos indo para a mesma faculdade, perto da nossa cidade natal. Infelizmente, não é uma história de namoradinhos de colégio. Eu tinha uma paixão enorme, mas jamais teria tido coragem de convidá-la para sair. Eu a

via no campus, e a gente sorria e acenava. Duvido que a gente tenha trocado mais de dez palavras em todo o tempo em que nos conhecemos.

Sempre que eu a via se aproximando do nosso prédio, eu dava um jeito de segurar a porta para ela. Uma vez, até a vi de longe se aproximando do prédio e fiz um trotezinho lento de gordinho para conseguir abrir a porta para ela. Ela era sempre muito alegre e gentil no olhar. Aparentemente isso era tudo de que eu precisava para a minha paixão.

Uma noite eu estava com uns amigos num bar de faculdade bem vagabundo. Só bebida barata, música sem graça e um monte de universitários jovens e bêbados. Você nunca vai acreditar em quem eu vi naquela noite. Era ELA. Fiquei animado só de vê-la num ambiente social em que eu poderia, em teoria, chegar, puxar papo e depois confessar meu amor por ela.

Nem preciso dizer que isso não aconteceu. O que aconteceu foi a primeira de muitas histórias engraçadas às minhas custas. Passei a noite sem nem fazer nosso cumprimento de sempre. Estava ficando bem tarde. Um dos meus melhores amigos estava pagando muitas bebidas para nós, então naquela noite eu relaxei um pouco demais. Coragem líquida era o que ia ser preciso para falar com ela. Quando eu estava me preparando para ir embora, encontrei-a no bar. Sorri e perguntei se ela queria uma bebida. Ela aceitou toda animada. Esperamos a bebida dela e só trocamos gentilezas.

Queria lembrar o que eu disse. Tenho certeza de que não teve influência no que aconteceu depois. Pegamos as bebidas, eu paguei e voltamos para a pista de dança. Fiz meu melhor esforço para dançar com ela. Notei um cara olhando para a gente. Ele não disse nada, mas a expressão no rosto dele era: “O que essa garota está fazendo com ele?” Não era nada sutil, então ela devia ter percebido. Mas, em vez de pensar o mesmo, ela começou a me beijar. Fiquei completamente sem reação. Depois de um momento, ela voltou a si e pediu licença. Olhei de volta para o cara. Ele estava congelado, com uma cara de choque. Dei de ombros, sorri e fui embora contar aos meus amigos o que tinha acontecido, deixando-o congelado ali.

Avançando um pouco no tempo da minha vida amorosa. Nessa época eu já tinha um bom emprego e estava em forma, então não era mais a versão nerd de mim daquela história. Eu ainda usava o namoro online para marcar 90% dos meus encontros. Assim como no meu relacionamento virtual à distância, a sensação era muito parecida. Eu conversava com elas quase todo dia, por semanas ou meses, até aquilo virar um encontro de verdade. Mesmo assim, na minha experiência, um homem respeitoso com as mulheres raramente recebe um sinal claro de interesse.

Das poucas vezes em que conheci uma mulher pessoalmente, uma se destaca. Eu estava com meu colega de casa num “bar” a uma distância que dava para ir a pé da nossa casa. A gente ia lá com

certa frequência porque era perto. Esqueci de mencionar que esse bar era um clube de striptease. Tinha um lado masculino e um feminino, então não era só um lugar para homens tristes e solitários. As mulheres também podiam curtir.

Uma noite eu estava conversando com a mulher que trabalhava como bartender. Puxei papo, e trocamos contato. Marcamos um encontro para comer sushi. Era incomum, porque raramente saio por aí no mundo real para conhecer mulheres. Superanimado com o encontro, eu fui, e parecia estar indo bem. A gente conversava e ria. Então ela me fez uma pergunta surpreendente. Ela disse, e cito: “Há quanto tempo você namora o seu namorado?” Achei que tinha ouvido errado. Falei: “Como?” Ela disse: “Sim, o cara com quem você estava na noite em que nos conhecemos. Ele é seu namorado, né?”

Eu não sabia nem por onde começar a responder. Primeiro, eu estava muito acima da liga do meu colega de casa, a metade mais atraente desse hipotético casal gay. Quem dera ele tivesse tanta sorte. Segundo, a gente se conheceu num clube de striptease. A gente se conheceu no lado feminino. Eu estava, claro, pagando a nossa refeição. Enquanto essas perguntas giravam na minha cabeça, o que consegui soltar foi um sorriso sem graça e um “Hmm, não.” Eu escuto esse comentário de gay com frequência, e acho lisonjeiro. Presumo que seja porque sou atraente, bem-vestido e respeitoso com as mulheres. Nós dois rimos e continuamos a conversa.

Quando estávamos terminando o jantar, paguei a conta, o que achei que seria uma forte evidência contra a teoria dela. Por outro lado, eu não sei de fato se homens gays pagam em encontros com mulheres. Alguém deveria pesquisar isso. Enfim, abrimos nossos biscoitos da sorte. O dela era algo genérico e esquecível. Li o meu e não consegui parar de rir alto. Sem brincadeira, estava escrito: “Você deveria explorar seu lado feminino.” Mostrei para ela, incrédulo, e rimos de novo.

Surpresa, surpresa: esse encontro gay não teve o resultado pretendido. Como algo tão dolorosamente óbvio pôde ser confundido? Garoto conhece garota, garoto gosta de garota, garoto convida garota para sair. Tenho certeza absoluta de que nunca vou ter esse tipo de mal-entendido no Rio.

Capítulo 4: Você É Tóxico?

No Rio, eu estava tentando montar um negócio em torno das barracas de praia. Para quem não sabe, barraca é tenda em português, ou qualquer estande com uma lona para o sol não castigar você. Eu acho. Por favor, não tome minha explicação como fato. Lembre-se: noa fala portuguse.

Para levar movimento às barracas, “formei” uma comunidade de gringos chamada Carioca Coastal Club e organizei encontros na praia. Se você já esteve na Argentina ou no Rio, é parecido com o MundoLingo, uma troca de idiomas, só que o lugar é uma barraca, não um bar. Eu levava o entretenimento: uma mesa de beer pong e uma caixa de som JBL que, famosamente, tinha CPF próprio. Estrangeiro não leva um cooler com caixa de som nas férias. Eu, tristemente famoso por isso, levei, numa viagem a Cancún.

Eu organizei vários desses encontros, mas um se destaca. Foi um dia de praia bem sem graça: sem tema, sem mesa, só uma bola de futebol americano (uma novidade no Rio) e minha caixa de som. Como sempre, meus amigos vieram e fomos acumulando aos poucos o que carinhosamente chamo de “aleatórios”.

Como anfitrião, e por necessidade própria, eu tento levar mulheres para o grupo. Muitos dos gringos que aparecem querem saber onde estão as mulheres gatas, e eu dou um sorrisinho de canto toda vez que alguém pergunta. As mulheres que vêm costumam ser mais reservadas. Como todo homem, vou dar minha opinião sobre isso: se eu estivesse quase pelado numa praia, também seria exigente sobre onde estender minha canga.

Também tenho conversas mais profundas e melhores com mulheres. Sempre que mais de dois caras se juntam, aos poucos vira uma disputa para ver quem é o macho alfa, e eu acho isso muito desconfortável. A maioria dos meus amigos mais próximos são homens, e eles são diferentes do mesmo jeito que eu. Mesmo assim, muitas vezes faço yoga ou arrumo qualquer desculpa para sair e ir conversar com o grupo de mulheres mais próximo.

Nesse dia em particular, estávamos passando a bola. Reparei numa garota de biquíni marrom, num grupo sentado perto de nós. Vou chamá-la de B. Eu a achei atraente, então fiz questão de olhar naquela direção, fazer contato visual e sorrir: Olá, sou praticamente inofensivo. Vem lançar a bola com a gente. A B estava morna. Mas a amiga dela me deu os sinais.

Lembro que eu estava tentando fazer a B lançar a bola. Ela tentou sem muito empenho, desistiu e foi conversar com a amiga enquanto eu fazia minha imitação do Patrick Mahomes. Vi as duas conversando. Foi quando percebi que a amiga, que agora eu achava mais atraente, estava me dando sinais de que estava interessada. Ela acabou vindo até mim e pediu para aprender a lançar a bola. Foi muito fofo, e eu tentei ensinar com prazer.

Depois disso, ela e as amigas entraram no nosso grupo. Essa é sempre a parte mais difícil. Isso me lembra dos dias de praia com minha ex-esposa. Isso mesmo, acabei me divorciando da minha esposa do Capítulo 1. Eu a levava junto, e curtia mais a praia porque já tinha uma mulher no grupo. Eu não precisava terceirizar isso.

Em algum momento, troquei contato com a amiga da B, aquela que eu “realmente” ensinei a lançar a bola. Eu sabia que todos os solteiros iam tentar a sorte com ela. Mandei uma mensagem: “Prazer em te conhecer. Escolhe o certo, hein.” Talvez uma hora depois, eu estava sentado de costas para ela, conversando com alguém. De repente, alguém interrompeu minha conversa. Ela estava de pé sobre mim, olhando para baixo, e disse: “Você é tóxico?” Por um instante pensei: de onde isso veio? Aí vi o celular na mão dela. Ela tinha lido minha mensagem.

Consegui ligar todos os pontos quase em tempo real, apesar de ela ter, de fato, interrompido o que certamente seria uma conversa fascinante. Respondi: “É, um pouquinho.” Ela deu um sorrisinho de canto e começou a me beijar. O que fez esse momento ficar na minha memória: quase imediatamente depois do beijo, ela voltou ao que estava fazendo. Meu amigo R veio correndo com um sorrisão no rosto. Não lembro as palavras exatas, mas foi algo como: “Maaanoooo, logo depois que ela te beijou, eu comecei a beijar a menina de marrom.” (Era a B, a garota por quem eu tinha me interessado primeiro.) Sorri, ri e dei aquele meu dar de ombros.

O que tornou tudo ainda melhor: eu tinha aproveitado o dia um pouco demais. Não costumo beber muito. É o Rio; já é perigoso o bastante sem ser o bêbado desengonçado tentando voltar para casa. Eu também costumo levar tudo o que tenho para a praia. Acho que ter sido drogado e roubado me ensinou que posso perder tudo e ainda ficar bem.

Acordei no dia seguinte e escrevi no grupo que uso para organizar todos os encontros na praia, com mais de duzentas pessoas, agradecendo a todos pelo bom momento e dizendo que eu estava tão bêbado que nem lembrava de ter chegado em casa. Menos de um minuto depois, meu melhor amigo C respondeu: “Tudo que eu lembro é de você beijando a argentina mais gata de todas.” Depois brincamos que estamos em tantos grupos juntos que ele respondeu como se fosse uma conversa só entre nós dois. Era um pouco mais do que nós dois.

Capítulo 5: Os Vizinhos Sabem Meu Nome

Sei como tudo isso está começando a soar: conselhos de namoro de um daqueles caras de curso de conquista. Quero deixar claro que não é o caso. Esta é a única vez em que vou dar minha opinião sobre o assunto de conhecer ou "passar cantada" em mulheres. Atribuo qualquer aparência de sucesso ao fato de eu estar muito à vontade na minha própria pele.

O único conselho que quero dar neste livro é este:

HOMENS, vocês precisam consertar VOCÊ antes que possa existir um VOCÊ + 1.

Se você está lendo por interesse nesse assunto, tenho certeza de que há muitos outros livros por aí para você.

Hesitei em incluir esta parte da minha vida neste livro, mas eu sou bipolar. Sei que você está pensando: o que isso tem a ver com qualquer coisa? Acho que menti duas vezes. A introdução dizia que isto era só um monte de histórias aleatórias de encontros. Mas o que percebi é que o livro é mais sobre eu expressar a minha vida de um jeito bem-humorado. Quem não gosta de uma comédia romântica?

Ser bipolar afeta o namoro? Em uma palavra: SIM. Mas também depende da sua definição de atrapalhar e de namoro. A terminologia do namoro brasileiro precisaria de um livro inteiro para ser explicada. Vou passar por cima desse elefante enorme no meio da sala e focar nas maneiras como isso me atrapalha [Vincent].

A mais óbvia é quando há episódios depressivos graves. Há épocas em que durmo vários dias seguidos, acordando só para resolver um pouco de burocracia da vida antes de dormir de novo. Surpreendentemente, as mulheres com quem você está "saindo" não gostam de você sumir por qualquer período de tempo. Tenho certeza de que não preciso explicar isso para ninguém que seja casado.

Além disso, ser bipolar não é algo que as pessoas costumam colocar no perfil de namoro. Mas eu posto sobre isso com frequência. Até já tive isso na bio do Instagram por um tempo. Talvez não seja uma boa ideia sair falando disso num primeiro encontro também. O tabu desse assunto é tão forte que pode afastar até amigos próximos.

No próximo capítulo vou discutir os incontáveis outros motivos pelos quais isso seria uma enorme RED FLAG no namoro. Mas o importante é que eu trabalho todos os dias para superar essas limitações pessoais na minha própria vida, independente de qualquer outra pessoa.

Meu diagnóstico só veio mais tarde na vida. Eu tinha acabado de terminar meu primeiro relacionamento muito sério, em Los Angeles. Acho que a separação me afetou muito mais do que percebi na época. Comecei o que se chama de escalada para um episódio maníaco: vários dias de comportamento caótico e cada vez mais intenso.

Acabou ficando tão grave que precisei me internar num hospital psiquiátrico. Foi uma experiência extremamente traumática. Não pelos motivos que você imagina. Tenho muitas opiniões fortes sobre saúde mental (é por isso que tenho a tatuagem de borboleta na nuca), mas não vou compartilhá-las aqui. O que posso dizer é que o sistema não foi feito para ajudar. Ele foi montado para quem tem condições de pagar remédios indefinidamente. Também há muito pouca consideração pelos problemas que afetam cada pessoa individualmente.

A essa altura, com certeza já perdi você. Quando foi que isto deixou de ser histórias engraçadas de encontros desastrosos de um gringo desinformado? E você tem razão: de volta à programação normal.

Um dia, num encontro do Carioca Coastal Club, eu estava curtindo muito o SOL (vou usar isso como código para o que, no ramo, chamamos de estar cross-faded). Cross-faded é quando você está chapado e bêbado ao mesmo tempo. É uma dinâmica interessante de sustentar em público. Normalmente acabo pagando mico quando estou assim.

Aquele dia estava tranquilo. Alguns dos habituais apareceram. O que teve de especial naquele dia foi que uma das habituais trouxe uma amiga muito bonita, [M]. Fiquei curioso para conhecer essa pessoa nova. Embora eu não seja particularmente próximo da amiga que a trouxe, considero que somos amigos. Eu não ia dar em cima de [M] e deixar o clima esquisito.

Achei que a cumprimentei normalmente, como sempre. Minha memória está extremamente nebulosa aqui, então encare tudo isto como o relato de uma pessoa cross-faded. Pedi a ela que fosse nossa DJ do dia. Eu escuto quantidades infinitas das minhas próprias músicas, e é bom quando alguém divide as funções de DJ para eu poder relaxar. Ser anfitrião é um trabalho em tempo integral e paga mal. Eu estava extremamente reeeeelaxado naquele dia.

Algumas semanas depois, convidei [M] para sair, depois de confirmar com minha amiga que ela teria interesse. No encontro, [M] me disse que a minha lembrança de como nos conhecemos não era bem como eu pensava. Eu disse: “Ohhhh, eu estava cross-faded naquele dia. Que mico eu paguei?” Eu lembrava de ter caído, mas era uma posição difícil de levantar, sentado na areia. (Nem com todos os meus anos de yoga eu conseguiria fazer isso com facilidade, sóbrio.) Ela me contou que, em algum momento, eu tinha beijado o ombro dela. Ela perguntou à nossa amiga em comum: “...Qual é o problema dele?”

Não consegui deixar de rir de mim mesmo. Lembro vagamente de ter feito isso. Mas achei que tinha sido um selinho rápido. No relato dela, foi um beijo de língua completo, à brasileira, no ombro. Pelo visto a vida no Rio me influenciou demais, a ponto de eu achar normal pegar um ombro.

Nem preciso dizer que fiquei bem constrangido naquele encontro. Curiosamente, descobrimos que somos vizinhos, e agora meus vizinhos me conhecem como o Cara do Beijo no Ombro.

Capítulo 6: Japão

Ainda não contei isto: já tive três episódios maníacos graves. Dois aconteceram quando eu morava em LA, e um aconteceu no exterior, no Japão. Todos foram terríveis de maneiras únicas, mas o do Japão é o que ainda ressoa na minha família e nos meus amigos próximos, e é de longe o pior.

Falar português parece brincadeira de criança perto de falar japonês, e acho que isso é parte do que tornou esse episódio muito mais assustador. Eu não estava apenas no exterior. Eu estava o mais longe de casa que era possível, num lugar que é o oposto dos EUA em quase todos os aspectos.

Se você chegou até aqui, esta é a parte que eu não conto em primeiros encontros.

Todos os meus episódios tiveram um sintoma em comum: fico extremamente paranoico. No Japão, fiquei convencido de que os amigos da faculdade que tinham ido na viagem comigo estavam sendo controlados por gângsteres japoneses. Parei de entrar em contato com qualquer pessoa em casa porque tinha medo de que a máfia fizesse algo terrível com eles.

Acho que nunca contei esta próxima parte a ninguém. Eu também tinha me convencido de que uma gangue no Brasil sequestraria minha namorada, que morava no Rio, se eu tentasse entrar em contato com ela.

Não consigo lembrar por quantos dias fiquei naquele estado. Acho que foi uma semana ou mais. Lembro de carregar tudo o que eu tinha pela cidade de Tóquio, dormindo na rua por vários dias. Eu estava tão paranoico que nem conseguia usar meus cartões de crédito para pagar um quarto, porque achava que levariam todo o meu dinheiro, ou pior.

Só consegui voltar para casa quando confiei em um dos meus amigos o suficiente para pedir ajuda. Eu ainda estava extremamente paranoico, mas deixei a paranoia de lado e confiei nele para me ajudar naquela situação difícil. De certa forma, ele salvou a minha vida. Infelizmente, hoje nem somos mais amigos, e isso me entristece profundamente.

Também perdi o relacionamento com a garota com quem eu estava saindo na época. Ela é a que considero minha primeira namorada no exterior, e ela me deixou no vácuo e me bloqueou. Pensando agora, senti isso mais do que o episódio inteiro. Eu estava vivendo uma das piores experiências da minha vida e continuava preocupado com a segurança e o bem-estar dela, mesmo sendo eu quem estava em perigo. Fiquei em silêncio para protegê-la. Ela ouviu o silêncio e foi embora.

É muito fácil explicar socialmente uma noite de apagão de tanto beber. Há um motivo claro: você bebeu demais e não lembra o que fez. Talvez isso te renda o apelido de Cara do Beijo no Ombro, ou você entre numa briga com um familiar. No dia seguinte você fica sóbrio, reconhece o que aconteceu e tenta seguir em frente com os relacionamentos que possam ter sido afetados.

Um episódio maníaco não funciona assim, na minha experiência. A maioria das pessoas provavelmente acha que você é completamente maluco e que o seu lugar é num hospital. As que não pensam isso levam muito tempo para superar o trauma de ver você naquele estado. Eu entendo isso. Minha mãe e minha irmã sofreram muito.

Já contei essa história mais vezes do que consigo contar. Ela me custou um relacionamento, uma amizade e muito dinheiro. Mas eu não deixo isso ditar como vivo a minha vida. Também me ensinou uma coisa: até a sua família escolhida vai ter dificuldade de lidar com um episódio maníaco extremo. Isso vale para namorar e para ter uma parceira.

Não me importo nem um pouco de falar sobre essa experiência com qualquer pessoa, mas tem que ser pessoalmente.

Quero agradecer a todos que me ajudaram e pensaram em mim durante aquele período. Na época, eu não conseguia valorizar. Às vezes, no seu ponto mais baixo, você sente o amor dos outros com mais força. Gratidão especial à minha família e aos meus amigos próximos da faculdade.

Espero que a minha futura esposa leia este livro e entenda de verdade como era a minha vida antes de ela entrar nela.

Capítulo 7: Nunca Namore um Comediante

Antes de morar no exterior, eu testei as águas com várias viagens internacionais. Meu primeiro amor foi o Equador. Um dos meus melhores amigos é equatoriano, e a Carrollton Crew organizou uma viagem para conhecer o país dele. Provavelmente dá para escrever vários capítulos só com o que rolou nessas Guys Trips.

Essas viagens despertaram algo na minha alma que eu sentia que sempre tinha faltado. Tantas experiências novas. Quando eu era jovem e pobre, eu nunca entendia por que as pessoas gastavam tanto dinheiro com “viagens”. Eu pensava: você gasta quantos milhares de dólares? O que você tem para mostrar? Algumas fotos suas na frente de coisas que eu posso facilmente pesquisar no Google e ver de graça? Pode me tirar dessa.

Um dos encontros mais únicos que já tive aconteceu em Edimburgo, durante o que chamam de Fringe Festival. Um dos meus melhores amigos, [a], ama muitoooooo esse festival e essa viagem. Às vezes, meses depois, ele já está planejando a viagem do ano seguinte. O entusiasmo dele é o que me faz realmente gostar de ir. Ele até me convenceu a visitar Munique, na Alemanha. Acho que reclamei o tempo todo de como eu não queria estar lá.

Essas viagens aos poucos viraram a âncora da minha vida inteira. Quando seria a próxima Guys Trip? Depois da viagem ao Japão, elas não aconteceram mais. Espero que a próxima seja todo mundo vindo visitar a minha nova casa no Rio. Cof, cof, pessoal... 17 de março de 2027 parece uma boa data para visitar. Só dizendo.

Essas viagens são o motivo de eu dizer sim a coisas que nunca diria em casa, como ser puxado para o palco na frente de desconhecidos. A América do Sul também me influenciou de outras formas. Adquiri um novo hobby: pequenos furtos. Nada sério, só uma maçã ocasional ou alguma coisinha que eu poderia facilmente ter pago. Fique tranquilo, eu não faço mais isso... muito.

O Fringe Festival é um dos maiores festivais de comédia do mundo. Muitos comediantes vão lá para testar seu material ou fazer nome. Ele dura várias semanas. Esse encontro foi memorável porque aconteceu no palco, como parte do show de comédia chamado *Never Date a Comedian* (“nunca namore um comediante”). Se este livro um dia me levar para a comédia, quem sabe eu possa ser um dos comediantes com quem você não ia querer namorar.

Depois de todos os meus outros encontros, esse não foi tão assustador quanto você imagina. Eles puxavam pessoas da plateia (a maioria combinada de antemão) para subir no palco. Faziam algumas perguntas sobre você, soltavam umas piadas e apresentavam os comediantes que você entrevistaria para um encontro.

Quando chegou a minha vez, eles me puxaram para o palco. Meus amigos torcendo mais alto que todo mundo. Eu costumava ter pavor de palco, mas fiquei surpreendentemente à vontade lá em cima. Ajudou o fato de eu estar sentado e de o apresentador fazer a maior parte das perguntas. Lembro de pensar: tomara que uma delas seja bonita. Outra opinião que você não pediu: raramente acho comediantes mulheres engraçadas. As que são não são o que eu consideraria minha combinação dos sonhos.

Não me considero ter um tipo, por assim dizer, mas há certas coisas que valorizo mais do que outras. Uma amiga que eu estava conhecendo me perguntou uma vez: "...qual é o seu tipo, fisicamente?" Em companhia mista, eu respondo: "Eu acho muitas coisas bonitas numa mulher. O que me pega é aquilo de que ela mais se orgulha em si mesma. É geralmente para onde vai a minha atenção." Se insistem, agora eu simplesmente digo: bunda.

Os nervos só bateram de verdade quando começaram a trazer os comediantes. Um por um, eles entraram. Eu sorria e assentia em aprovação. De repente percebi que minhas expressões estavam sob um microscópio, não só deles, mas também da plateia, que agora estava focada em como eu interagia com eles.

Uma coisa que você não consegue ver ao ler isto é que tenho um rosto extremamente expressivo. Isso me mete em muita encrenca quando tento esconder minhas emoções em tempo real. Há inúmeras fotos minhas julgando alguém em silêncio com os olhos. Rapidamente me lembrei desse fato. Comecei a ficar um pouco mais nervoso do que no começo.

Felizmente, para o meu alívio, a última comediante era alguém de quem eu gostei. Achei ela fofa, mas não exatamente o meu tipo de sempre.

Cada comediante começava com uma saudação/apresentação para ser engraçada e puxar assunto. Cada mulher fazia seu número, eu interagia e fingia o máximo de interesse que conseguia, e então vinha a próxima. A última a se apresentar foi a minha preferida. Não vou dizer exatamente como ela se apresentou, mas ela me convidou para um passeio de bicicleta tandem como fuga de um crime.

Como abertura, ela não poderia ter escolhido melhor. Dado o meu novo hobby, isso provocou uma resposta quase instantânea à pergunta dela: "...Tá dentro?"

Sem pensar duas vezes, eu simplesmente perguntei: "Na frente ou atrás?" A plateia explodiu numa gargalhada enorme. Até os apresentadores, que também eram comediantes, não conseguiram segurar o riso. Senti que tinha avançado muito desde os dias em que eu dava mancada.

Depois do show, saímos num encontro muito agradável. Em algum momento vou desenterrar a foto de nós dois, eu sorrindo demais com meus dentes todos ferrados.

Capítulo 8: Areia por Cima

Além do Capítulo 1, nenhuma das histórias de encontros até agora chegou a ser um relacionamento sério e comprometido. Algumas foram só um beijo do nada. Outras eram casos casuais. São divertidas de recontar, mas não me fizeram exatamente sentir cuidado ou VISTO.

Quero dar um pouco de esperança aos leitores, se vocês quiserem. A vida não precisa ser um jogo sem fim de Primeiras Vezes (primeiro encontro, primeiro beijo, primeira discussão). Eu não sabia como escreveria sobre esta, mas descobri que a pessoa em questão me bloqueou, então posso basicamente dizer o que eu quiser sobre ela. O que eu quero dizer é que ela é ótima.

Esse é o ponto interessante: nunca tivemos uma briga ou uma discordância séria. Por algum motivo, simplesmente não deu certo. Foi confuso ouvir, na hora, que ela queria terminar. No fundo, eu também sentia que faltava alguma coisa. A faísca não estava lá, mas eu estava disposto a tentar diferentes técnicas de acender fogo, para usar uma metáfora ruim.

Vamos chamá-la de [M]. Eu finalmente tinha encontrado alguém que não só falava inglês, mas era, de fato, professora de inglês. Foi a primeira vez que consegui enxergar um futuro de verdade com alguém desde que terminei com minha ex-esposa.

Vou contar rapidinho como nos conhecemos, porque achei engraçado em vários níveis. Conheci a [M] num aplicativo de namoro. Trocamos algumas mensagens em português, obviamente eu usando o Google Tradutor. Quando percebi que a conversa estava boa, pedi para sairmos do aplicativo, basicamente para conversar pelas redes sociais ou trocar WhatsApp. Ela respondeu que preferia continuar conversando no aplicativo.

Fiz minha melhor tentativa de humor em português e disse algo como: “Vou abrir uma exceção para você e continuar usando o aplicativo.” De repente, a conversa esfriou. Não pensei muito nisso. Isso acontece com frequência em encontros online. Você pode ser bloqueado ou desfeito o match a qualquer hora, por qualquer motivo. Começa a parecer ruído branco.

Avançando uma ou duas semanas. Abro o aplicativo e de quem é a mensagem que eu vejo? A [M] tinha me mandado um oi, dizendo que tinha acabado de me ver andando na rua. Em inglês. Achei estranho. Por que alguém que tinha me “dado um ghost” entraria em contato em inglês, e ainda saberia como eu sou o suficiente, só pelas fotos, para me reconhecer na rua?

Trocamos algumas mensagens e combinamos de comer alguma coisa naquele dia, já que os dois estávamos livres. No encontro, perguntei como ela tinha percebido que era eu. Ela disse que tinha ouvido o Cara da Banca me cumprimentar pelo nome. Era perto da minha casa, então eu ia lá com frequência.

Aí surgiu o assunto de por que ela não tinha continuado a conversa no começo. Ela disse que o jeito como a minha mensagem sobre abrir uma exceção para ela soou em português pareceu grosseiro. Fiquei honestamente chocado, mas não fiquei remoendo. Por dentro, eu pensava: graças a Deus ela não me conhecia como o Cara do Beijo no Ombro. Isso teria sido muito mais fácil de interpretar como grosseria, e aquele aconteceu pessoalmente. Mas, justo, quanto à tradução. O Google Tradutor e eu já criamos inimigos antes.

Essa história sempre vai ficar comigo porque a falta de um idioma em comum não era o problema aqui. O problema era que não conseguíamos nos expressar por completo um com o outro. Duramos cerca de oito semanas.

Isso foi bem recente. Tenho quase 40 anos ao escrever isto e estou muito na fase em que quero uma parceira séria. Não quero falar mal de namorar no Rio. Amo este lugar de todo o coração. Mas ele traz alguns obstáculos bem interessantes. Considero o Rio a Las Vegas da América do Sul. Ele não atrai só turistas festeiros de todo o Brasil. Atrai do mundo inteiro.

Como eu disse, não sou de festa. Sei que a maioria destas histórias envolveu álcool, mas na verdade sou uma pessoa bem preocupada com a saúde. O álcool é um depressor, então pode desencadear episódios depressivos. Não me leve a mal, eu me solto de vez em quando. Mas isso está longe de ser a norma.

Eis por que acho que namorar no Rio é difícil para mim: sou alguém que ama um nascer do sol porque acordou para vê-lo, e não alguém que passou a noite toda na rua e por acaso o viu. Existe uma mentalidade de “o que acontece no Rio fica no Rio”. A maioria dos expatriados que moram aqui não pensa assim. Claro, seria divertido viver como se fosse uma festa constante. Mas quem vai pagar as contas?

Eu disse no começo que sou divorciado. O motivo mais óbvio de não estarmos juntos é que eu a traí. Esse é o perigo de tudo isso: um dia aparentemente inocente pode terminar com você beijando alguém que não devia. Mas é bem mais complexo do que isso. Quero dedicar um minuto a descrever por que aquele relacionamento acabou. Você já conhece a história de como nos conhecemos.

No começo, as coisas eram casuais. Depois de algumas semanas nos vendo, eu disse que estava curtindo, mas não conseguia imaginar aquilo virando algo exclusivo até que um de nós aprendesse o idioma do outro. Parabéns a ela, que é basicamente fluente, enquanto eu ainda luto para falar as palavras mais simples em português.

Com o tempo, fomos ficando mais próximos, e eu comecei a mudar de opinião. Ela também melhorava a cada dia. Depois de cerca de dois anos, decidimos tornar o relacionamento exclusivo. Esse foi o começo do fim. Enquanto éramos casuais, por quase dois anos, durante a

minha fase de nômade digital, parecíamos ter uma comunicação incrível. Claro, tínhamos nossos problemas, mas sempre encontrávamos o caminho de volta um para o outro.

Olhando para trás, os dois relacionamentos são imagens espelhadas. Com a minha ex-esposa, eu mal falava o idioma dela e ainda assim nos comunicávamos de um jeito incrível, até ficarmos sérios. Com a [M], compartilhávamos um idioma, mas mesmo assim eu não sentia que nos entendíamos de verdade.

Desejo a ela, de coração, o melhor. Os holandeses têm uma expressão para momentos como este: *zand erover* (areia por cima). Felizmente, eu moro no Rio. Aqui tem areia de sobra.

Capítulo 9: Irmãos Antes das Minas

Lembra quando eu disse que não sou muito de balada? Eu sei disso há muito tempo, e mesmo assim não deixei de tentar. Acho que, como homens, somos condicionados a acreditar que o melhor lugar para conhecer mulheres é uma noite de bebedeira com os caras. Pode funcionar para algumas pessoas. Comigo nunca funcionou. A maioria das minhas tentativas terminava comigo e meus amigos trocando histórias malucas, no dia seguinte, sobre o que aconteceu na noite anterior, quase sempre sem mulher nenhuma.

Dois grandes amigos estiveram comigo na maioria dessas noites, [M] e [H]. [M] é meu amigo equatoriano. [H] e eu fazemos aniversário no mesmo dia, com um ano de diferença, e eu sou o mais velho. Considero os dois meus irmãos. Já morei com os dois, e eles são meus parceiros para tudo. Vou contar uma história do [M] e deixar as do [H] para o próprio [H], porque ele conta melhor. Os dois merecem um lugar neste livro.

[M] é um dos meus amigos mais antigos. Fomos juntos para a faculdade, mas só ficamos realmente próximos quando fomos morar juntos depois da formatura. Vivemos incontáveis aventuras, mas as que mais me fazem sorrir são da nossa primeira viagem ao Equador.

Como mencionei antes, foi uma das primeiras viagens em grupo com a turma de Carrollton. Além das incontáveis noites malucas, o que a tornou memorável foi conhecer o país do meu melhor amigo. Conhecemos a família dele. O primo dele, [F], foi basicamente nosso guia durante a viagem inteira, nos levando a lugares aonde a maioria dos turistas nunca vai. Ele ainda atuou como meu tradutor pessoal de paquera quando o [M] cansava das suas obrigações de tradutor.

Quero parar um momento para dizer como sou grato por ter o [M] como amigo. Ele sempre foi leal, até no meu pior momento. Depois do meu episódio maníaco no Japão, nossa relação mudou. Hoje não somos próximos, e estamos há quase um ano sem nos falar. [M], estou te mandando este capítulo na esperança de a gente consertar as coisas. Sinceramente, não sei tudo o que te chateou. Quando brigamos, eu te bloqueei porque não queria ouvir. Sinto muito por isso, e por qualquer parte que eu tenha tido nisso tudo. Eu gostaria de ouvir agora. Do jeito que eu vejo, irmãos brigam, e sempre encontram o caminho de volta um para o outro. Tá, escrever essa frase me deixou meio gay. (Digo assim porque os homens sempre fazem essa piada quando expressam amor por outro homem.) É claramente um mecanismo de defesa, mas divago.

Enfim, numa noite no Equador fomos beber em Montañita, uma pequena cidade litorânea. Se você nunca foi, recomendo muito. Estávamos todos na rua tentando conhecer mulheres. Como eu disse, isso normalmente significava ficar juntos entre nós e levar fora de qualquer uma que tivéssemos coragem de abordar. O Equador também é onde me apaixonei pelas mulheres

sul-americanas. Não lembro os detalhes, mas pedi para o [M] puxar assunto com uma garota que eu achava que estava interessada. Eu não tinha trocado uma única palavra com ela, e ela estava muuuuito interessada. Pensei: nossa, foi fácil demais.

Continuamos dançando juntos. Mais tarde vimos uma mulher com quem eu tinha conversado naquele dia. Cumprimentei e segui com a garota que conheci naquela noite. Passou um tempo, e meus amigos estavam conversando com a outra garota e as amigas dela. Já éramos basicamente um grupão. Perdoem-me por não lembrar o momento exato da escalada, mas as duas garotas começaram a brigar por mim. Eu não acreditava. Quantas noites saímos sem nenhuma perspectiva, e ali estavam duas mulheres lindas brigando para ver quem me levava para casa? Lembro de sair da situação e dizer aos meus amigos: “Ao vencedor, as batatas.” Levei a vencedora para casa.

Um breve parêntese para agradecer ao meu amigo [H]. Uma lembrança que vai ficar comigo para sempre. Depois do meu episódio no Japão, eu e o [H] íamos ser colegas de apartamento em Medellín. Eu tinha medo de que as histórias que nossos amigos em comum contaram sobre como tinha sido ruim o fizessem mudar de ideia. O coração do [H] é enorme. Eu sempre digo que ele é mais legal do que eu, e isso vindo de alguém que já arrumou uma carona para casa para uma garota de programa que tinha acabado de me xingar.

Quando conversamos sobre o combinado, eu esperava totalmente que ele fosse desistir. Ele basicamente disse que não estava preocupado e que essas coisas acontecem. A aparente indiferença dele foi um choque. Vou lembrar dessa conversa para sempre. Nunca senti uma aceitação e um conforto tão certos.

Pronto, chega de sentimentalismo. Vou terminar o capítulo assim: se você tiver a chance de sair com o [H] e comigo no nosso aniversário, pergunte a ele sobre a garota que virou lésbica poucas horas depois de conhecê-lo.

Capítulo 10: Amor à Primeira Vista

Essa frase clichê é como o jovem eu sempre pensou que o amor funcionava. Você vê alguém, gosta, e esse é o fim da jornada. Casados, com a cerquinha branca. Rapaz, eu estava tão errado.

Como de costume, essa frase me lembra uma vez em que eu não conseguia enxergar a garota que convidei para sair. Deixa eu explicar. Quando eu morava em Atlanta, eu corria muito. Eu corria pelo menos um quilômetro e meio por dia, se não mais, mas nunca distâncias longas, acima de 10 km.

Um dia fui correr na BeltLine, onde a maioria das pessoas do meu bairro em Atlanta ia correr. É basicamente a orla do Rio, só que sem praia. Neste dia, esqueço o que aconteceu; minha memória está um pouco falha nos detalhes. Acho que decidi correr sem as lentes de contato. Não quis me dar ao trabalho de colocar. Eu sabia para onde estava indo, então não seria um grande problema.

Para quem não sabe, sou extremamente cego. Só enxergo com clareza até a ponta dos dedos do braço esticado. Eu nunca tentaria correr sem lentes à noite ou num lugar novo, porque poderia ser extremamente perigoso. Quando corro, gosto de música, e não só nos fones de ouvido.

Eu levava a minha caixa de som Bluetooth portátil UE Boom. Ela tinha várias vantagens. Eu podia cantar enquanto corria, e a música abafava boa parte da minha voz horrível. Também avisava as pessoas de costas para mim que eu estava me aproximando, e elas costumavam se afastar para eu passar. Neste dia, ela me surpreendeu ao me ajudar a conhecer uma mulher, algo que eu nunca imaginei que aconteceria, já que eu era basicamente cego.

Eu nunca tinha conhecido ninguém nas minhas incontáveis horas correndo na BeltLine. Eu estava focado na corrida, não em conhecer alguém. Além disso, estar todo vermelho e suado provavelmente não é a melhor primeira impressão. Enquanto corria, passei por uma mulher, também correndo, que imagino que fosse atraente. Provavelmente nem tentei contato visual. Qual é o sentido? Não consigo ver os olhos dela mesmo. Lembro da cor da roupa e do cabelo dela.

Nós nos cruzamos e eu não pensei nada a respeito. Como eu corria com música, as pessoas costumam olhar na minha direção, então isso não era sinal de que ela estava interessada. Está meio nebuloso, mas em algum momento acabamos correndo na mesma direção, no mesmo ritmo. Acho que a ultrapassei em algum momento. Ela era rápida, então lembro que deu muito trabalho.

Depois de passar por ela, fiquei um pouco cansado e diminuí o ritmo. Percebi que ela também tinha diminuído. Se tivesse mantido o ritmo, teria me ultrapassado de novo rapidinho. Continuei correndo, ciente de que ela estava atrás de mim, olhando. Pensei: hmmm, não tenho ideia de como ela é. Eu só enxergava o suficiente para distinguir formas borradas.

Passou algum tempo e ela ainda estava atrás de mim. Eu tinha recuperado um pouco de energia depois de ultrapassá-la, mas decidi caminhar para poder falar com ela quando passasse. Desta vez, quando nossos caminhos se cruzaram, perguntei se ela estava gostando da música que eu tocava. Eu era o DJ da nossa corrida. Ela sorriu, acho. Eu não conseguia ver bem o rosto dela. Ela disse que sim, conversamos por um minuto e trocamos números.

Quando estávamos prestes a nos despedir, confessei que estava correndo às cegas (literalmente). Ela riu e disse: “Hã?” Expliquei sobre as lentes de contato e a minha péssima visão. Talvez eu tenha dito: “Até mais, linda”, apontando para os meus olhos.

Capítulo 11: Dez Cerveja

Quando minha ex-esposa e eu nos separamos, eu levei muito a sério. As pessoas lidam com o luto de formas interessantes. No começo, eu adotei a abordagem de beber para afogar a dor. Eu não queria uma mente lógica tentando explicar por que as coisas com o amor da minha vida não deram certo.

Lembra que eu disse que o Rio é como Vegas? Isso o torna um ótimo lugar para uma recaída, mas um lugar péssimo para realmente lamber as feridas. Armado apenas com um coração partido e um saudável problema com bebida, entrei de cabeça no mundo dos encontros de novo.

Não me orgulho disso, mas não demorou para eu "seguir em frente". Uma noite em particular, eu estava bebendo com meu amigo, conversando sobre o término e como ele estava me fazendo sentir. Começamos a conversar com um grupo. Achei uma mulher atraente. Ele fez a apresentação e passou a fazer o papel de tradutor da minha paquera.

Não lembro o que foi dito, mas ela concordou em voltar comigo. Avisei que as coisas da minha ex ainda estavam no apartamento. Ela não pareceu se incomodar. É muito cruel aqui no Rio.

Começamos a ficar íntimos, e foi aí que percebi um probleeeeema enorme.

Ela era muito forte, quase um físico de fisiculturista. Eu nunca tinha ficado com alguém mais musculosa que eu. Aparentemente, existe uma coisa interessante que acontece quando mulheres usam testosterona para ganhar músculo. Eu estava diante de um dos efeitos colaterais, e tive um mini ataque de pânico. Será que eu tinha acabado de levar uma mulher trans para casa? Como eu não sabia? Numa investigação mais cuidadosa, confirmei que ela era de fato uma mulher, mas não consegui me livrar do choque inicial. Não rolou nada naquela noite.

Na manhã seguinte, mandei mensagem para o amigo que nos apresentou e contei o que tinha acontecido. Ele riu e disse que ela tinha contado tudo para ele durante a conversa: a testosterona e o que ela faz. Claro, isso passou batido por mim na hora.

Sem ter realmente concluído minha "missão", voltei para a caça. Desta vez, na praia. Eu estava com um pouco de medo. Pensei comigo que a melhor forma de evitar levar para casa alguém questionável era vê-la de biquíni. Surpreendentemente, isso também é mais difícil do que você imagina, já que seus sentidos estão prejudicados.

Aquele dia passei fazendo as minhas coisas favoritas, relaxando na praia. Mas hoje eu estava excepcionalmente solitário e bebendo mais do que de costume. Eu comprava cervejas na barraca de dez em dez. Isso foi antes de eu descobrir que dava para simplesmente devolver as que não bebi.

Quando senti que estava bêbado demais para ficar em público, procurei alguém para dar as minhas cervejas. Infelizmente, eu tinha acabado de pedir dez, e realmente não devia ter continuado a beber, ainda mais sozinho. Olhei em volta e vi uma mulher linda sozinha. Eu já a tinha visto antes, mas naquele dia não estava a fim de paquerar com Google Tradutor.

Aproximei-me dela com o balde gigante de Heineken. Perguntei se ela falava inglês e, para minha surpresa, ela respondeu em inglês perfeito. Eu me animei. Tinha encontrado minha parceira de bebida. Nessa hora, meu objetivo era só entregar as cervejas e ir embora. Eu disse: “Quer dez cervejas!?” Ela disse que sim e riu. Coloquei o balde no chão e fui buscar minhas coisas para ir embora.

Eu realmente pretendia ir embora, mas ainda estava um dia bonito e eu não tinha terminado de curtir a praia. Voltei com as minhas coisas para perguntar se podia me juntar a ela. Ela disse que sim, quase surpresa por eu ter perguntado. Quem deixa dez cervejas e vai embora? É a pior abordagem da história.

Minha lembrança favorita dessa interação foi o que aconteceu depois. Conversamos. Expliquei tudo sobre o meu término. Ela foi muito compreensiva e acolhedora. Então pediu para ler a minha mão. Achei fofo. Que informação ela poderia tirar de mim?

Ela começou a ler a minha mão, dizendo coisas genéricas. Então disse algo que ainda me faz chorar até hoje. Ela disse: “Vejo que você perdeu uma menininha recentemente.” Bêbado e totalmente chocado, não consegui segurar as lágrimas.

Minha ex-esposa e eu tínhamos perdido um bebê menos de um mês antes. Normalmente sou contra qualquer demonstração de emoção, como dá para perceber no Capítulo 6. Mas isso me destruiu de verdade. Toda a tristeza que eu estava escondendo veio à tona de uma vez. Eu estava chorando de verdade, com uma desconhecida na praia segurando a minha mão.

Deus a abençoe, ela simplesmente me confortou até eu recuperar a compostura. Ainda não consigo agradecer o suficiente por aquele momento especial. Depois da praia, fomos para casa juntos. Nunca mais a vi depois daquela noite.

Tenho uma tatuagem de peça de quebra-cabeça no braço direito. Minha ex tem a outra metade. Enquanto estávamos na cama naquela noite, a quiromante mencionou a tatuagem e demonstrou interesse em fazer uma junto comigo. Enquanto eu a abraçava, acariciando o braço dela, eu disse, brincando: “Isso é íntimo demais.”

Ainda estou procurando a minha próxima peça do quebra-cabeça.

Capítulo 12: Situações de Refém

Antes de todas as minhas viagens, quando alguém perguntava qual foi meu pior encontro, eu tinha que me esforçar para pensar em um. Eu era muito bom em sair com mulheres com quem eu tinha conexão, então a maioria dos meus encontros ruins era do tipo comum. Há duas histórias que eu costumava contar nos meus encontros.

A primeira: nos conhecemos num aplicativo de namoro. O primeiro encontro foi muito normal. No encontro, ela me contou que o pai dela era um grande jogador de pôquer, tanto que ganhava quartos de hotel de graça em Biloxi, no Mississippi. Lembre-se de que estávamos em Atlanta, e Biloxi fica a mais de cinco horas de carro. Depois do encontro, estávamos planejando o segundo.

Decidimos ir no carro dela até Biloxi e passar o fim de semana lá. Sei o que você está pensando: segundo encontro, e vocês vão viajar no fim de semana? Isso não é coisa de terceiro encontro? Naquela época, não. Hoje, acho que sim. Eu vivo muito o momento. Tínhamos passado um bom tempo juntos. Por que não ir à praia e jogar pôquer?

Eu também era um grande jogador de pôquer. Meus amigos da faculdade e eu passávamos horas nisso toda semana. Na Geórgia, apostar não é permitido. Acho que é por isso que eu estava tão ansioso por um segundo encontro assim. Olhando para trás, eu devia ter simplesmente aberto o PokerStars (um site de pôquer online).

As cinco horas de viagem foram tranquilas. Não lembro de nada estranho. Chegamos ao hotel e fizemos o check-in. Depois de nos instalarmos, ela disse que tinha uma amiga por perto que ia visitar. Achei estranho ir encontrar uma amiga logo de cara, mas disse que tudo bem. Eu ficaria pelo hotel; era só me avisar quando terminasse.

Depois de algumas horas apostando, mandei uma mensagem perguntando quando ela esperava voltar. Sem resposta. Passou uma hora, depois outra. Mandei outra mensagem: “Se você não pretende voltar logo, vou fazer minhas coisas.” Pouco depois, ela respondeu que ainda estava com a amiga e perguntou se eu me importava que elas viessem ficar comigo.

Nesse ponto eu já estava meio irritado. É por isso que você não viaja com alguém no segundo encontro. Lembro de pensar: droga, estou preso aqui. Se eu tivesse ido dirigindo, poderia simplesmente voltar para Atlanta quando quisesse. Além disso, o quarto estava no nome dela, então eu teria que pegar outro quarto. Decidi esperar mais um pouco. Concordei, a contragosto, que a amiga viesse.

Mais algumas horas se passaram. A essa altura já estava bem tarde. Por volta das 10 ou 11, ela e a amiga finalmente voltaram ao hotel. Eu estava muito irritado. Tinha passado o dia inteiro

apostando para matar o tempo, esperando o plano dela, e nem tinha jantado direito. Ela não reconheceu que praticamente tinha sumido o dia todo.

Para piorar, ela e a amiga estavam bêbadas. Eu estava completamente sóbrio e puto. Pensei: que cara de pau dessa mulher. Tentei puxar conversa com elas, mas foi bem inútil. O que finalmente me tirou do sério: você já foi vela num encontro? Era eu naquele momento. Ela estava tendo uma conversa inteira com a amiga e não me incluía em nada. Eu não tinha interesse no que elas falavam, mas achei extremamente grosseiro.

Uns 20 minutos depois do início da conversa delas, eu interrompi. Disse que ia embora e que as duas deviam arrumar suas coisas. Acabei levando a amiga em casa também, porque sou legal assim, e depois levei ela de volta para Atlanta, cinco horas de viagem. Ela não disse uma palavra durante a viagem inteira. Deixei ela e o carro dela na casa dela e fui embora para a minha. Nunca mais nos falamos. Se eu pudesse fazer de novo, alugaria meu próprio carro, e depois ou voltaria para casa dirigindo ou aproveitaria a estadia.

O segundo encontro ruim foi bem mais curto, felizmente. Eu tinha saído com uma garota por quem estava muito interessado. Não lembro onde nos conhecemos. Não é importante. Combinei de buscá-la em casa e levá-la para jantar.

Quando chegamos ao restaurante, ela se inclinou para me dar um beijo. Fiquei surpreso, mas aceitei. Beijar no primeiro encontro, antes do jantar, é extremamente raro nos Estados Unidos. Anos depois, eu aprenderia que no Rio é a norma. Eu me inclinei também, e nossos lábios se tocaram. Ela então colocou a mão atrás da minha cabeça e me segurou ali. Nossos lábios encostados, sem ter para onde ir. Para piorar, os lábios dela estavam apertados e imóveis. Senti que estava sendo mantido refém no nosso primeiro beijo. Não consegui aproveitar o resto do encontro, de tão traumatizado que fiquei com aquele beijo.

Capítulo 13: Outra Situação de Refém, Não

As pessoas sempre querem saber qual foi a coisa mais assustadora que me aconteceu viajando. Nem todas as minhas histórias malucas envolvem namoro ou mulheres. Muitos perrengues aconteceram nas nossas viagens só de caras ao exterior. Essas situações de refém me lembram de quando meu amigo quase foi feito refém em Cancún, no México.

Começou como uma viagem bem normal. Passamos a maior parte do tempo curtindo a praia e passeando. Um dia contratamos um motorista para nos levar por aí. Ele foi simpático e se ofereceu para organizar um passeio às pirâmides de Chichén Itzá. Achamos que era uma opção melhor do que os grandes tours em grupo, que saíam de manhã cedo.

O cara chegou na hora combinada com uma van muito duvidosa. Lembro de pensar: hmmmm, não era isso que eu esperava. Meus cinco amigos e eu nos olhamos como quem diz: acho que vamos fazer isso mesmo. Subimos e começamos a viagem de duas horas. Mais ou menos uma hora depois, aconteceu algo inesperado: a van quebrou. Não dá para dizer que foi uma grande surpresa. O fato de ter aguentado uma hora foi um pequeno milagre.

O motorista disse ao único amigo nosso que fala espanhol que algo tinha superaquecido e que tínhamos que esperar. Ainda estávamos todos bem tranquilos, fazendo piada e levando na brincadeira. Depois de um tempo, ele deu o sinal verde e seguimos. Repetimos essa dança de para-e-anda mais algumas vezes antes de chegar, o que transformou uma viagem de duas horas em quase três. O astral ainda estava alto. Sabíamos que não era realmente culpa dele, e finalmente chegamos.

Enquanto curtíamos as pirâmides, ele disse que tinha pedido para alguém trazer outro veículo e prometeu que chegaria antes de terminarmos o passeio. Gostamos de explorar e, na hora, voltamos ao ponto de encontro. Olhei e pensei: nossa, essa van nova é igualzinha à outra. Gêmeas? Não era o caso. Era a mesma van. Nesse ponto, estávamos começando a ficar um pouco preocupados.

O grupo se reuniu, olhando para a van duvidosa. Devíamos falar com os grandes grupos de turismo? Talvez conseguíssemos pegar um ônibus e eles nos levariam de volta. Uma pane no caminho de volta seria arriscada, já que estava anoitecendo e escurecendo. Concordamos em ir com ele, já que nenhum de nós tinha dinheiro vivo para pagar a viagem de ida.

Cinco minutos depois de sairmos, a van quebrou de novo. Foi quase cômico a rapidez. Todos nos olhamos como quem diz: puuuta merda, isso é ruim. Continuamos nesse para-e-anda a cada dez minutos, mais ou menos. A essa altura já era noite. Cada parada brusca aumentava a tensão dentro da van. Seis estrangeiros parados na beira da estrada em Cancún é receita para o desastre.

Na terceira ou quarta partida, ganhamos outra surpresa divertida: um pneu furado. Soltei uma risada desconfortável, tipo: claaaro, vamos colocar isso na lista de coisas que dão errado. Você acharia que ele teria um estepe, mas isso seria lógico demais. Ele pegou o telefone e disse que alguém viria nos buscar.

Passou cerca de uma hora, e então apareceu um carro. Espera, é um carro, e somos seis homens adultos mais o motorista. Como isso vai funcionar? Ainda não consigo entender o que aconteceu a seguir. Depois que o carro chegou, o motorista desceu. Depois outra pessoa, e outra. A última foi uma mulher com um bebê no colo. Aparentemente ele tinha chamado a família inteira. Achei hilário um homem levar a família toda para o meio do nada. Eu não estava preocupado com eles. Era a gente ou eles.

Agora que tínhamos transporte, havia o problema de caber todo mundo num carro de quatro portas. Montamos um arranjo de assentos que nos encaixou lá dentro feito Tetris. Um amigo e eu tivemos que sentar de costas um para o outro no colo de outro amigo. Eu nem ando de mototáxi com dois no Rio, então imagine minha expressão quando essa ideia foi proposta. Começamos o trecho final até em casa.

Quando chegamos, eu estava exausto. Pedi aos caras que cuidassem de pagar o motorista e fui para o meu quarto. O resto da história é o que me contaram. No caminho para casa, tínhamos combinado que não pagaríamos o preço cheio. Por que pagaríamos? Se fosse nos Estados Unidos, talvez tivéssemos o dinheiro de volta. Mas não era os Estados Unidos. O motorista exigiu o valor total, que nenhum de nós tinha em dinheiro vivo. Então um terceiro carro apareceu depois de já estarmos em casa. Era basicamente o cobrador, para garantir que o dinheiro fosse recolhido. Levou alguns dos caras a um caixa eletrônico, e foi fortemente sugerido que um de nós, [S], “ficaria” com o motorista enquanto isso.

Pagamos o valor total. Alguns dos caras ainda foram enganados no caixa eletrônico e cobrados a mais.

Na verdade, me arrependo de ter perdido essa confusão. Me disseram que o terceiro carro tinha energia de gângster de filme. O que é maluco nesse dia é que, aparentemente, tinha acontecido um tiroteio. Alguém de jet ski tinha atirado de passagem na praia. Não sabíamos na hora, mas talvez nosso motorista estivesse mesmo cuidando da gente.

Capítulo 14: Orgasmo ao Nascer do Sol

As pessoas sempre perguntam o que eu faço para me divertir. Um dos meus hobbies favoritos é ver o nascer do sol. Adoro porque é tranquilo, e os do Rio são excepcionalmente lindos. A maioria das pessoas vem ao Rio e nunca consegue ver um, o que acho de explodir a cabeça. Exige compromisso de verdade, porque nos verões do Rio eu costumo acordar às quatro da manhã para pegar todas as cores do céu antes de o sol subir no horizonte. Tive dois nasceres do sol que sempre chocam as pessoas quando conto a história.

O primeiro foi na Praia do Diabo, no Arpoador, aonde gosto de ir nos meses de verão. É um lugar muito especial para ver o nascer do sol. Tem uma academia ao ar livre, uma prainha minúscula e uma trilha curta até um mirante nas pedras.

Numa manhã, notei um grupo que já estava na água. É raro alguém chegar na praia antes de mim. A maioria das pessoas ainda está bebendo na rua. Ocasionalmente, outros entusiastas se juntam a mim, ou bêbados que não dormiram porque estavam na farra. Depois de olhar com mais atenção, percebi que estavam todos pelados.

É o Rio. Nada mais realmente me surpreende. Estendi minha canga e me preparei para fazer yoga, de propósito de costas para o grupo. Gente pelada saltitando na água com certeza atrapalharia meu fluxo. Alguns minutos depois de começar a prática, notei uma mulher caminhando na minha direção. Achei que ela só estava andando, mas vinha direto para mim. Por que essa mulher pelada está vindo falar comigo? Quando eu estava no meio da postura da montanha, ela já estava parada bem na minha frente.

Ela começou a falar comigo em espanhol. Eu tentava de todo jeito não olhar para os seios dela, mas, sendo homem, era simplesmente impossível. Eu entendo um pouco de espanhol. Ela explicou que ela e os amigos estavam curtindo um banho de mar pelados, como se isso não fosse óbvio. Sorri e disse: “No hablo espanhol.” Ela continuou por mais um ou dois minutos. Entendi que estava pedindo meu número, mas fingi que não. Não sei o que há com os nudistas, mas normalmente eles têm corpos que deveriam ficar escondidos debaixo de roupa.

Eventualmente ela voltou para os amigos, e eu voltei para o meu yoga.

A segunda vez que interromperam meu nascer do sol foi em Morro de São Paulo. Um amigo e eu tivemos uma noite longa e decidimos ver o nascer do sol antes de dormir. Fui sozinho procurar um mirante melhor.

Enquanto curtia a vista das pedras, notei um homem abaixo de mim. Não dei atenção. Pela visão periférica, deu para perceber que era morador de rua, e era óbvio que não estava mentalmente

estável. O nascer do sol estava lindo, com roxos e laranjas incríveis riscando o céu. Também havia nuvens, o que sempre rende vistas espetaculares.

Depois de um tempo, comecei a ouvir um som rítmico de pele batendo vindo da direção dele. Olhei de relance, e o homem estava com tudo se masturbando para o nascer do sol. Pensei: nossa, eu amo nascer do sol, mas isso é demais. Rapidamente fui para outro lugar e contei aos meus amigos o que tinha acontecido.

Ainda estou esperando ter uma ereção com um nascer do sol. Talvez uma nuvem em formato de pêssego resolvesse.

Capítulo 15: Eu Tô Famoso

Um amigo uma vez me perguntou: “Espera, quantas vezes você já foi roubado?” Respondi: “Tantas que perdi a conta.” É uma das tristes realidades de morar na América do Sul. Felizmente, até agora nada foi sob a mira de uma arma, mas não posso descartar. Tive minha bela bicicleta elétrica Levi roubada em plena luz do dia porque a prendi pela cesta, que eles simplesmente desparafusaram antes de sumirem no pôr do sol do Rio. Também tive uma corrente de ouro muito bonita, de mil dólares, furtada do bolso, ironicamente no Dia de Ação de Graças, um ano depois de eu ser dopado e roubado em Medellín. Aparentemente, ser roubado no Dia de Ação de Graças é uma tradição anual minha. Estou começando a ter pavor desse feriado.

Embora caros, esses roubos são uma parte infeliz do dia a dia aqui. É preciso sempre andar com a cabeça no pescoço. Decidi que coisas boas não valem a pena se podem ser levadas com facilidade. Eu gostaria de dizer que estou muito mais cuidadoso agora, mas ainda vivo o momento. Não consigo andar paranoico o tempo todo com medo de que algo seja levado, o que é exatamente o oposto de mim em estado maníaco.

Quero contar a história do roubo do meu celular na Pedra do Sal, uma famosa festa de samba no Rio. As segundas-feiras à noite são especialmente cheias porque, tradicionalmente, era quando as pessoas tinham o dia de folga. Era Natal, e o grupo de gringos nômades digitais tinha planejado tomar uns drinques lá naquela noite. Naquela época, eu tinha ficado amigo de uma mulher russa muito bonita, de cabelo ruivo. Vamos chamá-la de [Y].

Um pouco sobre mim: sou totalmente contra namorar alguém de um grupo de amigos. Os gringos no Rio formaram uma grande comunidade de nômades digitais. Já saiu até em reportagem no jornal do Rio. Embora eu me sentisse atraído pela [Y], sabia que não era uma boa ideia tentar nada. Tínhamos nos tornado bons amigos, e eu não queria estragar isso. Além disso, a notícia de qualquer relacionamento no grupo se espalha como fogo. Eu não era particularmente popular, mas imagino que essa dinâmica seja comum em qualquer lugar.

Naquela noite passei a maior parte do tempo conversando com a [Y] sobre assuntos aleatórios. Eu tinha dito ao grupo que convidara uma date para ir comigo. Deu para perceber que a [Y] não ficou empolgada com isso, mas éramos amigos, então não pensei muito. Minha date chegou com outra amiga. Ela não falava inglês, então tentei conversar com ela pelo Google Tradutor. A Pedra do Sal fica extremamente lotada na maioria das segundas, todo mundo ombro a ombro, um empilhado em cima do outro.

Não é o melhor ambiente para conversas longas e profundas no Google Tradutor, então mantive minhas mensagens curtas. Eu não estava interessado nela, embora tenha certeza de que era uma

pessoa adorável. Conforme a noite avançava, percebi que a [Y] estava ficando com um pouco de ciúme. Achei isso surpreendente, porque nunca tivemos nada romântico. Eu me preparava para ir embora e me despedia. Não sei como aconteceu, mas a despedida da [Y] virou um beijo. Me pegou totalmente de surpresa. Tenho certeza de que as pessoas nos viram. Minha regra de não misturar amizade com prazer tinha sido quebrada.

Conversamos por um instante depois do beijo. Ela confessou que sempre gostou de mim e que eu era o único homem do grupo que a respeitava. Fiquei lisonjeado, mas meu diálogo interno dizia para sair dali rápido para organizar meus pensamentos.

Me despedi e fui em direção ao ponto de encontro do Uber, o que significava andar de 10 a 15 minutos ombro a ombro. Caso você não saiba, a Pedra do Sal é famosa por batedores de carteira. Tenho quase certeza de que um em cada três gringos que já foram tem uma história de celular roubado. Normalmente sou mais cuidadoso com meu celular, mas naquela noite eu estava um pouco abalado com o beijo. Mandei mensagem para um amigo que estava vindo ao Rio e tentei explicar o que tinha acontecido com a [Y].

Entre as mensagens, a pessoa na minha frente parou de andar e começou a andar de costas. Rapidamente coloquei a mão livre nas costas dele para que ele não esbarrasse em mim. Ele continuou andando de costas. Enfiei o celular no bolso e usei as duas mãos para pará-lo. Isso durou vários segundos. Eu pensava: que porra é essa, por que esse cara está andando de costas assim?

Eventualmente voltamos a andar em ritmo normal, ainda espremidos ombro a ombro. Passou um ou dois minutos, e fui pegar meu celular no bolso. Surpresa, surpresa, tinha sumido. Tentei brevemente procurar alguém que pudesse ter levado, mas foi inútil. Na hora, não percebi que tinha acontecido durante a situação estranha de andar de costas. Olhando para trás, foi um clássico golpe de distração.

Uma das frases que tenho praticado em português é “Eu tô famoso”. Entre todos os nômades digitais, fiquei famoso por ser o cara a quem roubam as coisas. Só fico feliz que a notícia ainda não tenha chegado aos cariocas.

Capítulo 16: Terceiro Primeiro Encontro

Quem está num primeiro encontro adora perguntar se você acredita em segundas chances. Eu nunca tive uma boa resposta. Talvez eu esteja prestes a encontrar uma.

Lembra da namorada do Japão, aquela que saiu da minha vida depois do meu episódio? Acabamos nos encontrando de novo.

Foi depois que eu e minha ex-esposa nos separamos, no meio da fase de beber do meu luto. Eu estava na rua com os meus amigos. Eu chamo eles de Beach Bros. São amigos, mas a gente não é muito próximo. Não esperaria uma conversa profunda sobre a vida deles, mas são ótimos se você quer beber ou sair.

Naquela noite estávamos no Aldeia, um lugar famoso de domingo na Lagoa, ou pelo menos era na época. Toda vez que saio com os Beach Bros, me divirto, mas sempre me pego julgando eles um pouco. As palhaçadas que os caras fazem quando tentam conhecer mulheres são divertidas, no mínimo.

Em determinado momento eu estava saindo para pegar outra bebida quando reparei numa mulher parada um pouco afastada dos meus amigos, enquanto a amiga dela conversava com eles. Ela estava julgando os caras em segredo, exatamente como eu. Depois de olhar com mais atenção, percebi que era ela. Eu ri, porque eu sempre julgo meus amigos quando saímos, e naquele momento pensei que tínhamos isso em comum. Sinceramente, mesmo que não fosse ela, eu teria ido lá fazer um comentário.

Então fui até ela, fiz um comentário sobre o que meus amigos estavam fazendo e começamos a conversar. Ela não percebeu que era eu no começo. Demorou um segundo para ela entender quem estava ali na frente. Aí nos cumprimentamos, conversamos sobre a vida, colocamos o papo em dia e trocamos números de novo. Quando namoramos pela primeira vez, ela ainda estava aprendendo inglês. Na época em que esbarrei com ela no Aldeia, já tinha melhorado muito. Nunca voltamos a nos seguir no Instagram, que foi onde ela me bloqueou. É um detalhe pequeno, mas eu reparei.

Saímos de novo há alguns meses, e foi bom. Nos divertimos muito. Saímos mais algumas vezes, e então deu para perceber que as coisas estavam ficando sérias mais rápido do que qualquer um de nós conseguiria lidar, depois de nos reaproximarmos há tão pouco tempo. Então eu puxei o freio e me afastei. Talvez eu ainda estivesse magoado com o jeito que as coisas terminaram durante o meu episódio. Talvez fosse só coisa demais, rápido demais. Eu tinha acabado de sair de um relacionamento sério e não queria me jogar em outro, mesmo a gente se conhecendo há bastante tempo e tendo uma conexão muito boa.

Avançando até hoje: vou sair com ela de novo. Esse vai ser o nosso terceiro primeiro encontro.

Eu a procurei porque queria ter uma conversa realmente boa com alguém. Em algum momento percebi que estou meio cansado dessa história de correr atrás de mulher sem parar, e que gostaria de algo mais sério. O cara praticamente inofensivo está pronto para ser um pouquinho mais do que isso.

Antes de hoje à noite, mandei para ela o capítulo do Japão. Nele escrevi que fiquei em silêncio para protegê-la, e que ela ouviu o silêncio e foi embora. Da última vez que não falei nada, eu a perdi. Dessa vez decidi falar tudo, e não ia sentar à mesa com ela deixando isso por dizer. Ela ainda não respondeu, então imagino que o assunto pode surgir durante o jantar.

Não sei bem o que esperar, mas tenho esperança. Não vou fingir que vem aí uma cena catártica em que ela explica tudo e o porquê. Acho que isso não importa. O que importa é que, depois de todo esse tempo e de tudo que passamos, estamos sentados um na frente do outro de novo, e acho que vamos ter uma noite agradável. Estou animado para vê-la e conversar com ela. Também estou curioso para ver o quanto ela fala agora. Estou assumindo que ela já está basicamente fluente. Estou até um pouco animado para falar sobre o livro, embora ainda não tenha decidido se vou falar.

Comprei uma camisa nova e até passei, o que diz muito, porque eu odeio passar roupa. Consegui aparar e modelar a barba sem incidentes, o que é mais do que posso dizer da última vez que tentei me arrumar para uma mulher. Sem querer, tirei minhas sobrancelhas tentando me depilar, pouco antes de uma viagem ao exterior com uma garota com quem eu estava saindo. Dessa vez, mantive a máquina bem longe das sobrancelhas. Eu queria poder dizer que também cortei o cabelo. Eu quis. Não tive tempo. Então, hoje à noite, a camisa e a barba vão ter que fazer todo o trabalho.

Vamos jantar hoje à noite. Vou terminar este capítulo para poder ir encontrá-la. Desejem-me sorte.

Capítulo 17: Camisa Como Guarda-Chuva

Se você chegou até aqui, sou muito grato por você estar gostando da leitura. Estou começando a perceber que, se isto virar um sucesso, qualquer encontro futuro vai ter um livro de verdade sobre o meu histórico amoroso. Já tive ex-namoradas que leram o meu diário. Isso com a minha letra horrível. Eu brincava comigo mesmo que, se alguém está disposta a ler aquilo, deve se importar de verdade comigo.

Este capítulo é para a minha futura esposa. Se eu decidir me casar. Ou para o meu próximo relacionamento sério. Espero que, a essa altura, dezesseis capítulos depois, você tenha uma visão bem holística de quem eu sou/era na época em que escrevi isto. Uma das inspirações deste livro é *Modern Romance*, de Aziz Ansari. Sempre gostei da comédia dele, então, quando um amigo recomendou que eu lesse o livro, aproveitei a oportunidade de ouvi-lo narrar. Qualquer desculpa para ser preguiçoso e evitar ler de verdade.

O que eu gostei no livro dele é que descreve como os homens da minha geração se sentem em relação a namorar. Recomendo muito arrumar um exemplar. Também me deixou triste, porque a maior parte do conteúdo me fez ficar triste com o estado atual das coisas. Eu adoraria que as ligações telefônicas voltassem a ser uma coisa, só para humanizar a pessoa com quem você está falando.

Percebi que muitos dos problemas que tive para fazer um relacionamento crescer aos poucos poderiam ter sido resolvidos com uma ligação. É muito mais fácil criar o hábito de só se comunicar por palavras escritas. Embora eu ache isso ótimo, cria um padrão ruim. A outra pessoa também tem a mesma autonomia de ficar inalcançável. Mas, quando você está conhecendo alguém, deveria ser o mais abrangente possível: pessoalmente, FaceTime, ligações, mensagens de voz. Quanto mais dados que não sejam escritos, mais útil. Isso vale em dobro para mim.

Um dos meus melhores amigos citou uma vez que os melhores relacionamentos são aqueles em que as duas pessoas são interdependentes. Espero estar lembrando certo. Cada um tem a sua própria vida fora do outro, mas existe uma sobreposição saudável de experiências compartilhadas.

Como é a parceira ideal para mim? Pergunta típica de perfil de namoro. Vamos ver se todos esses anos preenchendo isso serviram para alguma coisa. Parece uma pergunta difícil, mas para mim acho que é simples. Eu só preciso de comunicação saudável e empatia de ambos os lados. Acho que todo o resto pode ser melhorado. Aqui está o que eu me recuso a tratar como motivo de rompimento.

Eu rejeito com força os padrões superficiais que já ouvi homens da minha idade dizerem. Ela tem que ser jovem, em forma, sem filhos, com um emprego bem remunerado. Claro, tudo isso seria bom. Mas o tempo muda tudo. Um dia essas coisas podem não ser verdade. Você vai fazer um Leonardo DiCaprio e largá-las antes que cheguem a certa idade?

Então, futura esposa, na verdade eu não gosto de te chamar assim. Vamos te chamar de minha musa. Para a minha musa, este capítulo é todo sobre você. Se você mencionar os pequenos furtos, ou como o seu coração partiu por mim enquanto lia certas partes, eu já sei que você se importa mais do que a maioria, mesmo antes de realmente me conhecer. Se você quiser mesmo roubar o meu coração, vai me perguntar sobre o meu encontro em que tirei a camisa para usá-la como guarda-chuva. Eu quero muito me tornar o homem que coloca o casaco sobre a poça.